

# A "Ciência Ampla" de Wilber: Uma Cura para o Pós-modernismo?

**Charles Westhefer**

Consultor de Gestão de Mudanças e Desenvolvimento de Lideranças,  
*Mark Dignam and Associates Pty Ltd*, Croydon NSW 2132 Austrália.

E-mail: [westhefer@optusnet.com.au](mailto:westhefer@optusnet.com.au)

Tradução de Ari Raynsford ([www.ariraynsford.com.br](http://www.ariraynsford.com.br))

Revisão de Darcy Brega e Giovanni Barontini

Neste artigo<sup>1</sup> argumento que o Pós-modernismo foi longe demais ao sugerir que toda a realidade é socialmente construída. O resultado é um retorno ao pensamento pré-moderno, em que a observação e a verificabilidade são desacreditadas. O modelo de Ciência Ampla de Wilber é usado como um meio de sustentar os insights do Construcionismo Social, evitando os extremos do Pós-modernismo. Seu modelo de Ciência Ampla de Quatro Quadrantes oferece um meio de integrar todas as terapias em uma estrutura coerente, evitando assim muitas das lutas por poder que têm sido características da história da terapia familiar.

## Introdução

O Pós-modernismo surgiu para desafiar os excessos tanto da *religião*, o paradigma dominante de sua época, quanto da *ciência*, o paradigma dominante da nossa, que levaram à opressão daqueles afetados por ambas (Foucault, 1977). O Pós-modernismo, embora tenha produzido muitos insights sobre a construção social de crenças que antes considerávamos "gravadas em pedra", tem uma falha fatal que mina muitas de suas realizações. Essa falha é a afirmação de que *toda* a realidade é socialmente construída (Wilber, 1998). Uma implicação disso é que o

---

1. Publicado no *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy* em junho de 2004. (N.T.)

Pós-modernismo nos levou de volta ao pensamento pré-moderno, onde os conceitos de observação e verificabilidade não eram considerados importantes.

Wilber (1998) concorda com Foucault que o empirismo científico é de fato um problema e que a religião levou a muitos excessos; no entanto, ele também afirma que, mesmo antes do advento do Pós-modernismo, houve uma série de tentativas malogradas de combater os excessos que o empirismo científico criou. A principal razão para o insucesso dessas tentativas foi que elas foram simplesmente ignoradas pela ciência. Ele argumenta que a posição da ciência se tornou tão inatacável que, a menos que uma filosofia consiga desafiar o empirismo em seu próprio território, ela está fadada ao fracasso. A essência da posição científica é que todo conhecimento "verdadeiro" deve ser verificável. Wilber oferece uma abordagem alternativa para a verificação. Seu modelo de Ciência Ampla também provê uma estrutura no âmbito da qual integra todas as terapias em um todo coerente, em oposição à situação atual, em que várias terapias se envolvem em disputas mesquinhas. No que diz respeito ao amplo campo da terapia familiar, a disputa atual parece ser: "qual é a terapia mais respeitosa?" (Larner *et al.*, 2002). Anteriormente era: "qual é a mais sistêmica?" Se o comportamento dos terapeutas uns com os outros é alguma indicação, não há vencedores nas apostas "respeitosas".

## **Desafios ao Empirismo**

Três movimentos filosóficos tentaram desafiar o Empirismo: o Romantismo, o Idealismo e o Pós-modernismo (Wilber, 1998). Este artigo tratará principalmente do Pós-modernismo, embora os outros dois sejam discutidos brevemente.

O Romantismo (Rousseau, 1762) viu o retorno ao incivilizado como um bálsamo para os males da sociedade pós-industrializada. Ele idealizou culturas e religiões primitivas e pensou nelas como puras e incorruptas. A altamente criativa e aclamada obra *Ismael* de Daniel Quinn (1995) é uma popularização dessa abordagem para curar os problemas enfrentados por uma sociedade moderna cada vez mais alienadora. O Romantismo tem diversas faces modernas, e o elo entre elas é a crença de que as coisas eram melhores antes – antes da civilização, antes da revolução industrial, antes do pensamento racional. O Movimento da Nova Era abraçou tanto o retorno ao primitivo quanto a visão de que os sentimentos são mais "puros" e "verdadeiros" do que o pensamento racional. Há uma série de terapias que adotam essa abordagem. O critério-chave de uma terapia que se enquadra nessa categoria é "entrar em contato com os próprios sentimentos" como um

*estado final*, em oposição a regredir a emoções primitivas, para criar um Ego mais forte (Blank & Blank, 1979), o resultado extremo sendo simplesmente encorajar o narcisismo (Wilber, 1998).

O Cristianismo Fundamentalista é outro exemplo de uma abordagem que assume que as coisas eram melhores antes; neste caso, antes da Queda do Homem. Para um fundamentalista, a Bíblia é a palavra *literal* de Deus – por exemplo, o relato da Criação na Bíblia é factual e aconteceu exatamente como é descrito. Conforme esse relato, decaímos de um estado de intimidade com Deus para uma natureza de "pecado", em que estamos separados de Deus. O ponto-chave é que a intimidade com Deus está *atrás* de nós, não à nossa frente, ou seja, nós éramos melhores no passado.

O Idealismo (Hegel, 1807; Kant, 1781), por outro lado, faz a afirmação oposta: de que estamos *evoluindo em direção* à intimidade com Deus (Wilber, 1998). Não precisamos regredir a um estado anterior à racionalidade para recuperar nossa inocência – precisamos evoluir *além* da racionalidade. O ponto final da evolução do pensamento transracional é descrito no Budismo como "ver nossa Face Original", a Face do Espírito. De uma perspectiva cristã, é descrito como "Unidade com Deus" (Keating, 1986). As escolas contemplativas de todas as grandes religiões do mundo são os caminhos tradicionais para essa evolução num nível individual. Wilber (1998) argumenta que o principal problema com essa posição filosófica é a ausência de um método de comprovação. O Idealismo caiu em descrédito, pois não havia como provar suas alegações.

## **Psicologia Evolucionária: Preparando o Palco para a "Ciência Ampla"**

A Psicologia Evolucionária de Wilber (1983; 2001) combina a Grande Cadeia do Ser (o núcleo de todas as religiões) com o Idealismo. A Grande Cadeia do Ser sugere que a realidade é hierarquicamente organizada e consiste em ordem crescente de: matéria, corpo, mente, alma e espírito (Walsh, 2002). No modelo de Wilber, os estágios de crescimento correspondem aos níveis nessa visão hierárquica da realidade.

De acordo com o modelo de Wilber, o desenvolvimento psicológico é paralelo à evolução da sociedade e segue por sete estágios de crescimento. Embora a Contemplação seja o caminho tradicional dessa evolução psicológica para o indivíduo, Wilber (1983; 2001) e Kant, (1781) sugerem que essa adaptação natural também é desenvolvida no estágio evolucionário.

Os sete estágios de Wilber são: Reptiliano (no qual o ser humano está imerso em pura sobrevivência, sem nenhuma "consciência mais elevada" disponível); Tifônico (pensamento mágico, "consciência mais elevada" localizada em Deuses que representam o poder do mundo natural; cultura tribal); Associação Mítica (desenvolvimento de estrutura social, hierarquia e poder: as elites sacerdotais controlam o acesso aos *insights* que fazem parte da consciência mais elevada); Mental-Egoico (desenvolvimento do pensamento racional, instituições democráticas, ciência empírica); Integral-Aperspectivo (a capacidade de juntar múltiplas perspectivas simultaneamente – ver o Modelo dos Quatro Quadrantes a seguir), Unitivo (alma/santidade) e Unitário ("visão" da nossa "Face original"/união com Deus).

Cada estágio de crescimento depende dos, e incorpora os, estágios precedentes. Para usar uma analogia matemática, é impossível entender álgebra sem primeiro entender aritmética básica; impossível entender cálculo sem entender álgebra e assim por diante. Não há nada de "ruim" no comportamento de nenhum estágio: precisamos integrar os aprendizados do desenvolvimento de cada estágio para seguir em frente. No entanto, se *dissociarmos* em vez de *integrarmos*, não conseguimos seguir adiante adequadamente, ou seja, deixamos "negócios inacabados" para trás (Wilber, 1998). A contemplação é a maneira antiga de concluir os negócios. O Santo, especialmente, tem *acesso* ao comportamento de todos os estágios. Continuando com a analogia matemática, Einstein não teria perdido a capacidade de usar a aritmética!

Voltemo-nos agora para uma discussão sobre a evolução da sociedade do Pré-modernismo ao Pós-modernismo, a fim de preparar o palco para a Ciência Ampla.

### *Pré-modernismo: os Excessos da Religião*

Na Igreja Católica pré-moderna, a realidade (doutrina) podia ser decidida pelo capricho dos clérigos. Na verdade, era socialmente construída por eles. Eles só tinham que concordar que uma doutrina em particular era verdadeira. O resultado era o exercício de *puro poder*. Em termos pós-modernistas, aqueles que mantêm a propriedade do *paradigma dominante* definem a hierarquia. Essa abordagem para definir a realidade e exercer poder sobre a vida das pessoas levou a Igreja da época a muitos excessos, um dos quais foi a *compra* da salvação pelos fiéis. Outra abordagem foi rotular como hereges aqueles que eram vistos como não conformes à doutrina estabelecida. Uma doutrina ou uma teoria sobre a realidade poderia ser

aceita, apesar de evidências em contrário, numa extensão bizarra. Galileu foi excomungado porque afirmou que o mundo girava em um eixo e não era plano. Para provar seu ponto, ele pediu aos clérigos que olhassem através de seu telescópio (*os clérigos recusaram*). Em termos dos estágios de evolução da consciência e da sociedade de Wilber, a Europa Cristã Medieval seria uma sociedade de "associação mítica", com uma casta sacerdotal exercendo enorme poder e controlando a "realidade" para todos.

### *Ciência: O Início do Modernismo*

Para combater a natureza caprichosa dos excessos doutrinários da Igreja, Lutero (1522) argumentou que a doutrina tinha que ter uma base bíblica. A ciência, numa tentativa de combater excessos semelhantes, argumentou que a teoria deveria basear-se na realidade observável e mensurável. Ambas, na verdade, seguiram um caminho similar; ou seja, você não pode simplesmente inventar "fatos"! Este é o começo do Modernismo (Wilber, 1998). Pensadores modernistas decidiram que se uma ideia não passasse no teste da mensurabilidade, então ela não poderia ser levada a sério. De acordo com Wilber (1998), a grande conquista do Modernismo foi diferenciar Ciência (Isto), Moral (Nós) e Arte (Eu). Ciência é o estudo da matéria (Isto). Moral se refere ao estudo do comportamento determinado (socialmente construído) pelo grupo (Nós). Arte se refere à experiência interior subjetiva de um indivíduo (Eu), e inclui (no nascimento do Modernismo) tanto Arte quanto Contemplação. Anteriormente, a ciência não podia agir independentemente da religião institucionalizada, daí o problema de Galileu. O Modernismo permitiu que Galileu olhasse através de seu telescópio sem medo de ser queimado por corrupção moral. Essa *diferenciação* levou aos ideais de igualdade, liberdade, justiça e direitos humanos universais. Por outro lado, Wilber continua e sugere que acabou ocorrendo uma *dissociação* que levou ao "desencantamento do mundo, à morte de Deus, à mercantilização da vida, às brutalidades do capitalismo, à perda de valor e significado, ao materialismo desenfreado e vulgar" (2001: 74).<sup>2</sup>

O Modernismo gerou um outro problema: o fato de a ciência primeiro se diferenciar e depois se *dissociar* das outras formas de conhecimento resultou na *negação da validade* de todas as formas de conhecimento que não fossem "objetivamente verificáveis". A diferenciação é a marca registrada de um processo

---

2. Wilber chama a Arte, a Ciência e a Moral de "Os Três Grandes" e complementa: a *diferenciação* dos Três Grandes foi a *dignidade* da Modernidade e a *dissociação* dos Três Grandes foi a *desgraça* da Modernidade. (N.T.)

evolucionário. A dissociação é a forma igualmente natural e patológica de diferenciação. Dando um exemplo: o que frequentemente acontece quando nossa cognição se desenvolve é que "reprimimos" nossos sentimentos e impulsos mais primitivos. Esta é a definição de neurose para Freud (Freud, 1905). Diferenciação, por outro lado, é desenvolver os processos cognitivos enquanto mantemos conexão psicológica com nossos impulsos "mais básicos". Na diferenciação, esses impulsos agora estão *sujeitos* ao pensamento crítico, não *dominados* pelo pensamento; ou seja, "há consequências em fazer sexo com todo mundo", em vez de "o sexo é mau e sujo".

De acordo com Wilber (1998), esta é a distinção entre uma hierarquia útil e uma patológica. No desenvolvimento hierárquico, a diferenciação precede a *integração*. Na Era Pré-moderna, não havia diferenciação entre Arte, Moral e Ciência. Com o advento da Modernidade, quando elas se diferenciaram, a *integração* deveria ter significado que cada uma *respeitaria as afirmações de conhecimento válidas das outras e cooperaria* para o desenvolvimento do conhecimento.

No entanto, assim que a Modernidade diferenciou Arte, Moral e Ciência, o Empirismo Científico aniquilou as outras duas. A Ciência se tornou a nova tirana. O Empirismo estreito implica que o único conhecimento verdadeiro é aquele que pode ser descrito pelos sentidos. Com esse golpe, a Grande Cadeia do Ser foi reduzida ao seu menor denominador comum (matéria). *A essência da Ciência é observação e verificabilidade*. No entanto, a maioria das pessoas aceita que Ciência é o estudo da matéria e não consegue nem imaginar outra realidade.

### *O Pós-modernismo desafia o Domínio do Empirismo*

Wilber corrobora a utilidade de algumas das posições fundamentais do Pós-modernismo:

1. *Construtivismo*: o conhecimento não nos é simplesmente "dado", mas é, em parte, uma construção social; as coisas são "verdadeiras" ou "reais" porque as sociedades humanas concordaram em considerá-las assim.

2. *Contextualismo*: o significado depende do contexto. Um exemplo é o uso do termo "liberal". Ele equivale a "perigosamente radical" para um conservador e significa "mente aberta e razoável" para alguém que vota no outro lado! Como os contextos possíveis são potencialmente infinitos, não há como dar um significado "final" ou "verdadeiro" a nada.

3. *Aperspectivismo integral*: como os significados são dependentes do contexto, qualquer perspectiva única será parcial e distorcida, e, portanto, nos beneficiamos da junção de vários contextos. Uma visão "aperspectiva integral" é capaz de integrar várias perspectivas em um todo significativo. No entanto, Wilber sugere que o Pós-modernismo passou do reconhecimento da importância de dar a todas as perspectivas sua justa cota de atenção para a visão autocontraditória e autoaniquiladora de que nenhuma perspectiva é melhor ou pior do que qualquer outra – exceto, é claro, a do próprio Pós-modernismo (Walsh, 2002)!

Para Wilber (1998), o problema central do Pós-modernismo é que ele falha na distinção entre "a construção social da realidade" e "a construção da realidade social". A primeira implica que não há verdade, e que nenhuma perspectiva tem qualquer supremacia sobre outras. A segunda sugere que qualquer hierarquia de poder socialmente construída cria a *ilusão* de que algumas pessoas (e suas perspectivas) são melhores do que outras. Essa distinção tem implicações profundas. Como Wilber sugere, se não há realidade além da socialmente construída, então não resta nada *exceto poder*. Religião, Ciência e Pós-modernismo, todos nos pedem para aceitar sua parte do elefante como o elefante inteiro e tentam definir sua própria parte como o paradigma dominante. O Pós-modernismo caiu na armadilha do poder, junto com as próprias posições que ele levantou para subverter o poder! Ao se rebelar contra a Ciência, o Pós-modernismo na verdade nos levou de volta ao pensamento pré-moderno. Não há possibilidade de observação e verificabilidade, pois não há nenhuma possibilidade de definir o que é "real".

## "Ciência Ampla"

Apesar de suas críticas, Wilber (1998) admite que o Pós-modernismo tem feito um nobre esforço para escapar da visão de mundo de que não há nada exceto o estudo da matéria. Abstrações como amor, medo, paixão ou compreensão não podem ser diretamente observadas pelos sentidos e devem ser inferidas por introspecção e interpretação. Curiosamente, a Ciência nunca acreditou *realmente* na versão estreita do Empirismo. Por exemplo, a Matemática, que é a pedra angular da Ciência, trata do estudo e *verificação de processos mentais*. A Ciência empírica tenta negar a possibilidade de verificar processos mentais, enquanto os verifica o tempo todo na Matemática, um estado de coisas, de fato, muito estranho! Para aqueles sem formação em Matemática, este último comentário poderia muito bem ser interpretado no âmbito de uma perspectiva pós-moderna; isto é, processos

matemáticos são convenções que todos concordam que são verdadeiras. Wilber em sua discussão do método científico real sugere:

Afinal, tendemos a pensar em análise vetorial, lógica, cálculo tensorial, números imaginários, álgebra booleana e assim por diante como científicos no sentido amplo. Claramente, "sensorial" e "científico" não são a mesma coisa (Wilber, 1998: 152).

Mais tarde, ele diz: "... sempre recorreremos à experiência para fundamentar nossas afirmações". A experiência pode ser sensorial, mental ou espiritual. A matemática é uma experiência mental, assim como paixão, medo e amor; todos podem estar sujeitos à verificação científica. O leitor é fortemente encorajado a consultar diretamente Wilber (1998) sobre essa questão de experiência e verificabilidade, pois não é possível abordá-la adequadamente em um artigo do tamanho deste. Entretanto, descreverei muito brevemente os três componentes que constituem conhecimento válido para Wilber e, portanto, devem direcionar a investigação científica.

1. *Injunção Instrumental*. Linhas de conhecimento podem ser verificadas realizando alguma ação (que pode ser um experimento de laboratório ou, alternativamente, sujeitando-se a algum tipo particular de disciplina mental ou espiritual). De qualquer forma, resulta da ação uma experiência particular, que pode confirmar ou negar o aspecto do conhecimento em questão.

2. *Apreensão direta*. Dados são o resultado de experiência direta e imediata. A ciência ancora todas as suas afirmações concretas em tais dados. No entanto, para Wilber, a "experiência imediata" pode ser interna ou mental, não apenas "externamente observável" como na "ciência" clássica.

3. *Confirmação (ou rejeição) comunitária*. Isso significa comparar seus resultados com outros. Se outras pessoas repetirem fielmente o procedimento especificado pela injunção "Faça isto!", então elas terão a mesma experiência, levando à confirmação (ou rejeição) dos dados.

## **Localizando Terapias no Modelo de Quatro Quadrantes de Wilber**

O Modelo de Quatro Quadrantes de Wilber consiste em quatro diferentes hierarquias representando áreas distintas, mas inter-relacionadas, de estudo científico. Conforme mostrado abaixo, é possível localizar diferentes formas de terapia, bem como diferentes tipos de investigação científica, no âmbito dos quatro



"quadrantes", de uma forma que deixa claro tanto suas características distintas quanto suas naturezas complementares (em vez de opostas).

### *Quadrante Superior Esquerdo*

Aqui Wilber coloca o estudo da experiência interna e subjetiva do indivíduo. No campo da terapia, podemos colocar as várias terapias psicodinâmicas, a Terapia Centrada na Pessoa e a própria Psicologia Evolucionária de Wilber (Wilber, 1983 e 2001). Todas elas convidam o indivíduo a buscar dentro de si verdades profundas, como fazem as tradições contemplativas das principais religiões.

### *Quadrante Inferior Esquerdo*

O Quadrante Inferior Esquerdo é onde Wilber localiza a cultura, ou seja, a *experiência interna compartilhada* por um grupo de pessoas (Wilber, 1998). Cultura é interpretação; ou seja, criação de significado de grupo: consciência compartilhada (Nós). Se a consciência evolui, então a cultura também evolui. Esta é a área onde abordagens como Construcionismo Social, Hermenêutica e Cibernética de Segunda Ordem são úteis.

Este também é o quadrante onde eu colocaria a Terapia Narrativa e a Terapia Familiar Sistêmica de Milão (ou Abordagem de Milão). A Terapia Narrativa foca em desconstruir o impacto de uma "verdade" socialmente construída mais ampla. A Abordagem de Milão, por outro lado, envolve o questionamento de como o significado é criado em uma família individual, destacando padrões e processos de criação de significado no âmbito dessa família.

### *Quadrante Superior Direito*

Esta é a província da Ciência tradicional, o estudo da matéria (Isto). Aqui, esperamos encontrar os correlatos comportamentais observáveis dos estados interiores que Wilber localiza no Quadrante Superior Esquerdo. Por exemplo, diferentes padrões de ondas cerebrais são associados a diferentes estados de consciência; e desenvolvimentos recentes em neurociência (Le Doux, 1996) nos permitiram encontrar uma parte do cérebro (a amígdala) que corresponde aproximadamente ao "id" de Freud. O Behaviorismo seria a forma de terapia mais prontamente localizada neste quadrante, uma vez que lida com ações observáveis e mensuráveis externamente.

### *Quadrante Inferior Direito*

O último quadrante de Wilber representa o aspecto exterior ou observável ("Istos") do comportamento coletivo ou de grupo. Por exemplo, a Sociologia e a Cibernética de Primeira Ordem estudam e interpretam os *padrões* de comportamento observável de grupos. A Terapia Familiar Sistêmica-Estrutural estaria localizada neste quadrante, uma vez que é baseada principalmente na observação de padrões exteriores de comportamento familiar/grupal, com relativamente pouca atenção dada ao "significado".

### **Implicações**

A tendência das abordagens terapêuticas de desacreditar modelos que pertencem a outros quadrantes é um exemplo da tendência humana de diferenciar e depois dissociar. Um exemplo é o movimento dos teorizadores de sistemas (Quadrante Inferior Direito) e dos behavioristas (Quadrante Superior Direito) para desacreditar os modelos psicodinâmicos (Quadrante Superior Esquerdo); ou dos terapeutas sistêmicos e comportamentais de desacreditarem-se uns aos outros, nessa questão! Na realidade, essas abordagens não podem ser separadas dessa maneira. Uma intervenção por uma terapia em qualquer um dos quadrantes provavelmente terá efeitos em cascata em domínios de experiência localizados em outros quadrantes. Um problema particular pode ser tratado de forma mais eficiente aplicando uma intervenção que se concentre no Quadrante Superior Esquerdo, mas outro problema pode ser melhor tratado intervindo no nível da cultura (Quadrante Inferior Esquerdo).

Um modelo integrativo permitiria que os terapeutas operassem em todos esses quatro contextos que estudam o comportamento humano, dependendo das necessidades do cliente (em vez da necessidade do terapeuta por buscar pureza teórica). Argumentarei a seguir que essa abordagem integrativa é crucial para trabalhar com famílias altamente complexas que "vivem em círculos viciosos".

### **Um Modelo Integrativo: O Próximo Estágio da Terapia Familiar**

O próximo estágio de desenvolvimento na terapia familiar precisa entender a *intenção* do Pós-modernismo – uma postura em que é possível pensar em múltiplos contextos simultaneamente. Este é o estágio "Integral/Aperspectivo" de Wilber, o próximo estágio na evolução, após o Mental Egoico. Como Wilber sugere, o Pós-modernismo falhou em prover uma posição filosófica que permita que essa

postura seja desenvolvida. Por outro lado, seu Modelo de Quatro Quadrantes explicita os contextos que precisam ser integrados para cumprir esse movimento em direção a uma postura Integral-aperspectiva e (do nosso ponto de vista) a um modelo integrativo de terapia familiar.

Em artigos publicados anteriormente (Westheaffer, 1984, 1990 e 1993), tentei criar um modelo integrativo de Terapia Familiar. Argumento que as ideias apresentadas nesses artigos precisam estar no cerne de uma terapia que se autodenomine "familiar". Três conceitos estão no núcleo do meu modelo, sendo eles: Triangulação, Regulação de Distância e Diferenciação. Normalmente, esses conceitos são aplicados a famílias. No entanto, eu os apliquei ao *comportamento do terapeuta* em uma família, ou seja, o terapeuta pode ser Triangulado, como resultado, ele/ela funciona como um Regulador de Distância e precisa Diferenciar para que a família melhore!

Sem exceção, o terapeuta de casal ou família é "convidado" a tomar partido (Westheaffer, 1984). Essa tomada de partido normalmente se torna um comportamento inconsciente por parte do terapeuta. Milton Erickson (1993) documentou muitos exemplos de um terapeuta se envolvendo (não sexualmente) com um dos parceiros de um casamento por vinte anos! Esta é uma versão bem radical do terapeuta agindo como um Regulador de Distância; no entanto, a mesma dinâmica pode operar mesmo em terapia breve.

Como resultado, o *comportamento mais importante de um Terapeuta Familiar* é ser capaz de *conectar-se empaticamente* com ambos os adultos, de preferência na presença um do outro. Isso será ilustrado no estudo de caso a seguir. Borzormenyi-Nagy (1986) se refere a isso como Parcialidade Multidirecionada. Significa *estar do lado de todos*. Eu sugeri (1984) que a Diferenciação, em essência, poderia ser definida tanto para o terapeuta quanto para a criança como *a habilidade de estar do lado de ambos os pais*. Whitaker concordaria. Ele sugeriu (Neill & Kniskern, 1982) que cabe ao terapeuta mostrar à criança como diferenciar.

### *Psicologia Evolucionária*

Embora eu acredite que as ideias de Triangulação, Diferenciação e Regulação de Distância representem o cerne da Terapia Familiar, os estágios de Wilber determinam como as sutilezas são executadas. Por exemplo, alguém que está operando em um nível de consciência de Associação Mítica provavelmente é politicamente conservador e/ou abraça alguma forma de fundamentalismo religioso. Crenças patriarcais (por exemplo, que a mulher é "subserviente" ao

homem ou que ele a "possui") seriam prováveis. A mulher seria a buscadora emocional e a cuidadora, enquanto o homem seria um regulador emocional e punidor. Em contraste, um casal que opera em um nível Mental Egoico provavelmente abraçaria o igualitarismo, seria considerado politicamente liberal (com "L" minúsculo) e provavelmente não teria uma afiliação religiosa. O problema deles pode ser que papéis de gênero ou papéis parentais claramente definidos não estão mais disponíveis, levando a incerteza onde um casal de Associação Mítica não teria dúvidas. Esses casais lidariam com proximidade/distância de forma muito diferente.

Certas culturas apresentam uma preponderância de pessoas operando em um nível. Por exemplo, sociedades de caçadores-coletores operam a partir de uma consciência predominantemente tifônica, embora alguns indivíduos no âmbito delas possam operar em níveis reptilianos. O Ocidente (pelo menos em teoria) opera no nível Mental Egoico; no entanto, duas forças proeminentes atraem pessoas que operam em outros níveis. Como vimos antes, o Romantismo, na forma de ensinamentos da Nova Era, nos pediria para retornar à consciência tifônica e ao narcisismo. O Fundamentalismo Religioso (incluindo o fundamentalismo islâmico) nos induziria a retornar à ênfase no poder e na hierarquia da Associação Mítica, supostamente como uma cura para os males do Modernismo. Embora o contramovimento dos fundamentalistas seja frequentemente muito destrutivo, sua intenção é retornar a um tempo em que havia valores. Tanto o Modernismo quanto o Pós-modernismo dizimaram valores.

## Um Estudo de Caso

Quando os vi pela primeira vez, a família estava em tratamento psiquiátrico desde que o filho tinha cinco anos de idade; ele agora estava com dezesseis. A queixa original dos pais era que o filho direcionava explosões *violentas* contra a *mãe*. O psiquiatra começou instruindo o *pai* a *conter* o filho (intervenção behaviorista). Por que não instruir a mãe? Aos dezesseis anos, o pai ainda tentava conter o filho, que agora pesava 90 quilos. Nesse ponto, a família reclamou da *distância* emocional do pai em relação ao *filho*. Não é difícil adivinhar o porquê! O filho havia passado por várias internações em hospitais psiquiátricos. Pelo menos uma foi após uma grave reação ao Prozac (uma intervenção no Quadrante Superior Direito), resultando em explosões violentas, alucinações e quase morte. Ele estava em acomodação alternativa na época em que me envolvi, porque a família não conseguia lidar com suas explosões violentas, que ocorriam sem parar por onze

anos. Ela estava mais do que feliz em se apegar a um diagnóstico psiquiátrico "em voga" como cura para seu avassalador sentimento de culpa, fracasso e desespero.

De acordo com o psiquiatra responsável, no ano anterior a família tinha passado por vários terapeutas familiares que, apesar de pertencerem a uma unidade médica muito respeitada, não conseguiram *nem mesmo se envolver* com ela. Eu compreendo que a família tenha consultado um bando de profissionais de ajuda desde que o filho começou a ser tratado, com muito pouca alteração nos problemas apresentados. Mas não tenho conhecimento das especificidades desses encontros.

A questão crucial aqui não é que os psiquiatras ou os terapeutas familiares fossem incompetentes ou mal-intencionados, mas que eles estavam operando a partir de uma *perspectiva limitada e limitante da realidade*. O psiquiatra estava claramente operando de uma perspectiva do Quadrante Superior Direito e não tinha entendimento das implicações sistêmicas do pai ao restringir seu filho de cinco anos. Os terapeutas familiares podem ter operado de qualquer um dos quadrantes, mas sem uma compreensão dos outros. A família e a criança sofreram muito.

### *Usando uma Abordagem Integrativa*

Para *começar* a curar essas feridas, tive que me conectar empaticamente com *ambos os pais*. O pai era visto quase universalmente como durão, beligerante e abusivo com o filho; ninguém gostava dele e todos o culpavam, abertamente ou não, pela deterioração do menino. *Todos conseguiram se conectar com a mãe*. Todos julgavam o pai, até certo ponto corretamente, mas esse julgamento não foi terapêuticamente útil e contribuiu imensamente para o sofrimento do filho.

A dinâmica da família era tão típica do clássico "triângulo patológico" de Westheafers (1984), que parecia uma pena não ter sido usado um modelo estrutural-estratégico como abordagem abrangente. Entretanto, fiz isso com extrema cautela. Os colegas me considerariam desatualizado? Eu seria visto como "politicamente incorreto"? Ou pior de tudo, eu poderia ser considerado como alguém que não usa uma intervenção suficientemente "respeitosa"? Deus nos livre de seguir esse caminho!

Essa parte da estratégia envolveu fazer os pais inverterem os papéis. A mãe assumiu o comando total da disciplina (o que criou distância) com o apoio da equipe da casa de recuperação do filho e da polícia. Ela foi instruída a dizer ao filho, por

telefone, que se ele não seguisse as instruções dela durante a próxima visita de avaliação, ela telefonaria para a casa de recuperação para interná-lo novamente, até a próxima visita de avaliação. Ela também foi instruída a dizer a ele que se houvesse qualquer indício de violência, a polícia seria chamada imediatamente e ele seria preso (demais para intervenções respeitadas!). Nenhuma dessas ameaças jamais precisou ser levada a cabo. O pai passou a ser responsável pelas *atividades de nutrição*, o que criou um potencial de *proximidade*.

Pode ser uma surpresa, mas esta *não* foi a primeira intervenção. Jeffrey Zeig (1982, conversa pessoal) sugeriu que "uma intervenção é como um *swing* de golfe. Um por cento envolve realmente bater na bola, o resto depende do que você faz com o taco enquanto ele se aproxima da bola!"

Minha *primeira* estratégia foi ouvir o desespero dos pais e conduzi-los pela história de seu envolvimento com o tratamento – seus terapeutas familiares anteriores nem sequer foram mencionados. Durante essa narrativa histórica, usei questionamento circular para afrouxar as projeções que haviam deslocado as lutas dos pais para o filho. Ao final da primeira sessão, os pais estavam chorando, se abraçando e discutindo como a distância emocional do *filho* foi um obstáculo para o casamento *deles*. Esta foi uma *mudança do diagnóstico* como *explicação* para o comportamento do filho.

Nas duas sessões seguintes, ambos os pais começaram a discutir como o *pai* era emocionalmente distante do *filho e da esposa*. Somente depois que eles admitiram abertamente que era o *pai* que era emocionalmente distante é que a intervenção estrutural tradicional pôde ser usada. Utilizar inicialmente uma intervenção estrutural, como meio de intervir metaforicamente no equilíbrio entre proximidade e distância (Byng-Hall, 1982; Westheafers, 1984), teria resultado no não retorno dos pais. A mãe não sentia proximidade emocional do marido e teria sabotado qualquer um que tentasse impedir que seu filho a proporcionasse. Eles precisavam curar algumas das feridas do casamento antes de assumirem o risco emocional de deixar de usar o filho como bode expiatório e mudar o padrão sistêmico (Cibernética de Primeira Ordem).

Ocorreram importantes mudanças no sistema familiar em seis sessões. O filho conseguiu receber visitas nos fins de semana sem nenhuma explosão violenta e passou a atender as solicitações dos pais. Houve progresso no sentido de levar o pai a assumir um papel mais protetor com o filho, a ponto de ele se esforçar ao máximo para apoiar e ajudar o menino. Quando esclareci que o pai achava que era seu dever proteger a esposa, ele foi capaz de considerar uma maneira diferente de cuidar da família. O comportamento do filho melhorou inacreditavelmente e até

mesmo seu desempenho escolar aumentou, embora este último pudesse muito bem ser resultado da interrupção dos medicamentos que seu psiquiatra atual descreveu como "veneno".

## Conclusão

Todas as terapias apresentam uma tendência perturbadora de seguir o caminho do paroquialismo. Eu certamente tive dificuldades quando passei por um treinamento em Terapia Familiar Estrutural após o treinamento inicial em Terapia Psicodinâmica. Por exemplo, meu supervisor criticava Bowen como sendo um analista limitado, não um verdadeiro pensador sistêmico. Meu problema era de lealdade. Suspeito que eu não estava sozinho em passar por tais dificuldades. Minha abordagem para resolver esse dilema foi encontrar uma maneira de ser leal a *ambos os supervisores*, publicando artigos que *integrassem* as duas posições opostas. Uma implicação do "excesso de lealdade" a um modelo de terapia familiar específico é que o terapeuta simplesmente não pensa (nem faz terapia) como aqueles terapeutas (inerentemente ruins ou pelo menos mal-informados) que trabalham com um modelo oposto, mesmo quando esse possa ser um comportamento muito útil. É bem lamentável que "oposição" seja o termo correto para descrever como muitos terapeutas familiares veem outros modelos. E, no entanto, embora o excesso de lealdade seja visto como um problema, também há muitos artigos publicados que consideram o ecletismo como um problema igualmente grande! Para equilibrar essa oscilação pendular entre ecletismo e paroquialismo, este artigo tentou prover uma estrutura que *integra* várias terapias. Espera-se que este não seja o fim de tal jornada. Como argumenta Wilber, quando jogamos fora a verificabilidade, tudo o que nos resta são lutas de poder, muito parecidas com as que encontramos nas famílias! Este é o estado da terapia familiar hoje.

## Referências

- Blank, G. & Blank, R., 1979. *Ego Psychology II*, NY, Columbia University Press.
- Borzormenyi-Nagy, I. & Krasner, B., 1986. *Between Give and Take: A Clinical Guide to Contextual Therapy*, NY, Brunner/Mazel.
- Byng-Hall, 1982. Family Legends: Their Significance for the Family Therapist. In A. Bentovim, A. Cooklin & G. Gorrell Barnes (Eds), *Family Therapy: Complementary Frameworks of Theory and Practice*, Vol.2, London, Academic.

Foucault, M., 1977. *Discipline and Punish: the Birth of the Prison*, Harmondsworth, Penguin.

Freud, S., 1997. *Dora: an Analysis of a Case of Hysteria*, NY, Simon and Schuster. First Published 1905.

Hegel, G. W. F., 1977. *Phenomenology of Spirit*, transl. by N. K. Kemp, Oxford, Oxford University Press. First Published 1807.

Kant, I., 1929, *Critique of Pure Reason*, transl. by N. K. Smith, NY, St. Martin's Press. First Published 1781.

Keating, T., 1986. *Open Mind: Open Heart*, NY, Continuum.

Larner, G., Lobsinger, C., Arnstein, M., Perlesz, A., McNatty, B., James, K., Brown, J., Holmes, S., 2002. What are the Core Learnings of Family Therapy? *ANZJFT*, 23, 3: 128–137.

Le Doux, J., 1996. *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*, NY, Simon & Schuster.

Luther, M., 1522. In J. K. Irmischer (Ed.), *Dr. Martin Luther's Vermishte Deutsche Schriften*, transl. by Robert E. Smith, 63: 124–125.

Neill, J. R. & Kniskern, D. P. (Eds), 1982. *From Psyche to System: The Evolving Therapy of Carl Whitaker*, NY, Guilford.

Quinn, D., 1995. *Ishmael: An Adventure of Mind and Spirit*, NY, Bantam.

Rousseau, J. J., 1978. *The Social Contract*, transl. by M. Cranston, Dayton, OH, Fitzhenry & Whiteside. First published 1762.

Walsh, R., 2002. Science and Religion: Proposals for the Reconciliation: An Essay Review of Ken Wilber's *The Marriage of Sense and Soul: Integrating Science and Religion* in:

([http://members.ams.chello.nl/~f.vissers3/wilber/rev/rev\\_mss\\_walsh.html](http://members.ams.chello.nl/~f.vissers3/wilber/rev/rev_mss_walsh.html)). (Accessed 02/11/02.)

Westhefer, C., 1984. An Aspect of Live Supervision: The Pathological Triangle, *AJFT* 5, 3: 169–175.

Westhefer, C., 1990. Intervening in a Rigid Supervisory System: A Bowen/Structural View of Neutrality, *ANZJFT*, 11, 3: 147–157.

Westhefer, C., 1993. Negotiating the Middle Management Triangle, *ANZJFT*, 14, 3: 123–128.



Wilber, K., 1983. *Up from Eden*, Boulder, CO, Shambhala.

Wilber, K., 1998. *The Marriage of Sense and Soul: Integrating Science and Religion*, Melbourne, Hill of Content.

Wilber, K., 2001. *A Theory of Everything*, Dublin, Gate.

Zeig, J., 1982. Personal Conversation, during a Master Class with Carl Whitaker.